

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

21

INSCRIÇÕES 92-97



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1987

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O *FICHEIRO EPIGRÁFICO* publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of *CONIMBRIGA* whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja
Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos
Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA"
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

FRAGMENTO DE PLACA FUNERÁRIA ROMANA DE MÉRTOLA

Foto 92

Procedente da alcáçova do castelo de Mértola, encontra-se, numa dependência do Campo Arqueológico de Mértola, o fragmento de uma placa funerária romana, em mármore cinzento azulado escuro, de grão fino, que apresenta o campo epigráfico limitado por uma moldura simples de curva e contra curva.

Dimensões: $31 \times 25 \times 3$.

Campo epigráfico: $22,5 \times 16,5$.

CASS[IANA] / VIXIT [ANN(os)] / XXX [...] / [...]

Altura das letras: l. 1: 4,5; l. 2: 5; l. 3: 4,7. Espaços: 1,3 e 1.

O que resta da inscrição sugere que ela seguiu uma *ordinatio* bastante cuidada; apresenta-se alinhada à esquerda, sendo ainda visíveis as pautas de ordenamento de escrita; a gravação das letras, em duplo bisel, e os seus remates triangulares indicam também esmero do lapicida.

Do ponto de vista paleográfico, é de referir a barra quebrada do A, característica que, mais tarde, será muito comum na epigrafia páleo-cristã de Mértola; nesta mesma letra nota-se ainda que a junção superior dos remates triangulares das pernas produzem o efeito dum pequeno traço horizontal a encimar a letra, o que também indicia uma cronologia tardia.

Do ponto de vista onomástico preferiu-se, na restituição, um nome próprio de tipo cognominal derivado do gentílico *Cassius*, em obediência ao pressuposto, de base paleográfica, de se tratar duma inscrição tardia e usando a locução *vixit ann(os)* no cálculo do comprimento da linha, contado o espaçamento dos caracteres — *Cassiana* pareceu ser o nome que melhor se «encaixava» na parte omissa e calculada do campo epigráfico, sendo *Cassianus* e também, embora um pouco menos, *Cassius* e *Cassia* admissíveis; a hipótese de termos aqui uma *Cassiodora*, ou um *Cassiodorus*, será muito remota.

Atribui-se para este fragmento uma datação dentro do séc. III.

MARIA MANUELA ALVES DIAS



Foto 92

FRAGMENTOS DE UM EPITÁFIO DO SÉCULO V

Foto 93

Proveniente de antigas escavações feitas num quintal situado fora do pano norte da muralha da vila, foi recuperado pelo Campo Arqueológico de Mértola um conjunto de três fragmentos de uma placa funerária, em mármore cinzento claro, que o antigo proprietário conservara correctamente montados numa placa de gesso com caixilhos de madeira.

Dimensões: $36 \times 22 \times ?$

[...]XIT ANN[...] / [...]CESSIT I[...] / [...]CE DIE QVAR /
[...]ONAS OCTO/[...]S ERÁ δXX

Altura das letras: 2,2/2,5 (l. 1: X = 1,2; l. 4: O = 1).
Espaços: 1,3/1,6.

O campo epigráfico deverá ter sido marcado por linhas de orientação de escrita, que já não são visíveis, traçadas vertical e horizontalmente, a fim de regularem, assim, a altura das letras e dos espaços interlineares bem como o perfeito alinhamento do texto, avaliável pela parte final das três últimas linhas; isso terá condicionado a gravação, em tamanho muito reduzido, do último O da l. 4. Sob o texto, um candelabro (alt.: 15), centrado no eixo vertical do suporte: a singeleza do desenho não dificulta a sua identificação como a *menorah* da liturgia judaica, anáglofo já conhecido na epigrafia hispânica (cf. *IHC*, 187, J. VIVES, *Inscripciones cris-*

tianas de la España romana y visigoda, Barcelona, 1969, 430; e L. GARCÍA IGLÉSÍAS, *Los judíos en la España antigua*, Madrid, 1978, p. 173-175).

Paleograficamente, as letras desta inscrição, bastante uniformes, são altas e esguias e, no seu conjunto, denunciam uma inclinação da escrita para a direita. Os travessões dos AA são quebrados, os traços paralelos dos EE são muito curtos, e têm tendência a obliquarem, e o T, da l. 4, mostra a barra superior com um exagerado alongamento para a direita que parece ser uma contaminação do cursivo. O que mais chama a atenção é um pequeno prolongamento, em forma de acento circunflexo, que aparece nas pontas superiores dos CC que antecedem os EE, nas l. 2 e 3. A gravação sugere o corte em bisel, efeito este conseguido por repetidos golpes de ponteiro que deixaram marcas irregulares nas arestas do gravado das letras.

Interpretação:

... / [vi]xit ann[os] / ... [re]cessit i[n] / [pa]ce die quart/[tas]
[n]onas Octo/[bre]s era δxx (quingentesima vigesima vel vicesima)

Esta inscrição está datada de 4 de Outubro de 482, estando vigente o Código Teodosiano, limitativo da expressão pública da religião judaica. É, pois, tanto quanto sabemos, a mais antiga epígrafe da Península Ibérica com uma *menorah*, dada a maior segurança da cronologia expressa sobre qualquer outra assente em critérios paleográficos formais.

MARIA MANUELA ALVES DIAS



Foto 93

A INSCRIÇÃO FUNERÁRIA PÁLEO-CRISTÃ DE *SILBANUS*

Foto 94

Encontra-se na colecção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, em Lisboa, uma pequena lápide funerária páleo-cristã, para a qual não encontrei qualquer referência quanto ao achado, origem ou data de incorporação nas colecções do MNAE; contudo, dadas as suas características formais, é francamente possível admiti-la como proveniente de Mértola ou seu aro.

O suporte da inscrição, que está completa, é uma pequena placa de mármore cinzento, de grão médio e de formato triangular.

Dimensões: $25,4 \times 16,1 \times 4,4$.

Campo epigráfico: $24 \times 16,1$.

(*crux*) SILBANVS / FAMVLVS DI / INFAS VIXIT / II
ANO VNO / MENSE V / D OIT ER/A SEPTI/GENTEN/SIMA.

Altura das letras: l. 1: 2 (altura da *crux*), 2 (L = 2,7); l. 2: 2 (F = 2,5, S = 1,5); l. 3: 1,5 (I = 1,6, T = 2,7); l. 4: 1,5 (II = 2, A = 2); l. 5: 2 (E = 2,5); l. 6: 2 (O = 1,5, R = 2,9); l. 7: 2 (S = 2,5, I = 2,5); l. 8: 2 (N = 1,5); l. 9: 3 (I = 2,5).

Espaços: 0,5/0,2.

Não são visíveis as pautas de orientação de escrita. As letras foram obtidas por martelagem sobre desenho prévio, de modo a dar a ideia de gravação em bisel, e, posteriormente, devem ter sido avivados os sulcos interiores obtidos; são ainda claramente visíveis os vestígios, em forma de denteados rombos, deixados pelo processo de martelagem no exterior dos sulcos que desenham as letras; este processo de gravação é, tanto quanto sei, único na epigrafia páleo-cristã do sul de Portugal; o traçado das letras denota uma certa tendência para o encadeamento de formas acen-tuadamente cursivas, chegando mesmo a não existir um espaço

mínimo entre elas; nas quatro primeiras linhas desta inscrição, os AA são encimados por pequenos traços horizontais, no ponto de encontro das duas hastes (as quais não apresentam, a uni-las, a barra horizontal a meia altura); na l. 9, porém, o A em nexo com o M anterior apresenta a barra a meia altura e omite o traço horizontal no encontro das duas hastes; na l. 1, o B, de *Silbanus*, não tem individualizadas as duas panças, o que resulta da tendência cursiva que leva a traçar, no desenho prévio, com um só movimento de mão, o que anteriormente era feito em dois movimentos para definir os dois arcos de círculo (cf. J. MALLON, *Paléographie romaine*, Madrid, 1952, p. 45); nas l. 1 e 2, os LL têm o traço horizontal obliquado, cortando a meia altura a haste vertical; os FF, nas l. 2 e 3, são formados por três traços horizontais; nas l. 2 e 6, os DD apresentam formas que se aproximam claramente do triângulo; na l. 4, o numeral é representado por dois II unidos a meia altura por um traço horizontal. Observam-se os seguintes nexos; l. 1, *nu* (*Silbanus*); l. 2, *lu* (*famulus*); l. 8 e 9, *nt* e *ma* (*septigentensima*). Nesta inscrição encontram-se as seguintes abreviaturas: *Dei* (l. 1), indicada por um traço arqueado entre o *D* e o *i*; *annos* (l. 4): a falta do segundo *n* é indicada por um pequeno traço horizontal; *dies* (l. 6), indicada por um traço que quase corta a pança do *d*; ainda na l. 6, a omissão de *bi*, em *obiit*, não está assinalada.

Interpretação:

(*crux*) *Silbanus* / *famulus D(e)i* / *infans vixit* / *II (duos) an(n)o(s)*
uno / *mense(m)* *V (quinque)* / *d(ies) o(bi)it er/a septi|genten|sima.*

O cognome romano *Silbanus* e também o teónimo *Silvanus* são conhecidos na Península Ibérica, especialmente em áreas de influência mediterrânica; no *Conventus Pacensis* está representado em duas inscrições (*IRCP*, n.ºs 435 e 570); na onomástica cristã da Hispânia é igualmente conhecido (J. VIVES, *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*, Barcelona, 1969, n.º 23). *Silbanus* acusa betacismo, fenómeno conhecido na epigrafia peninsular e que se acentuou na Baixa Época (cf. A. CARNOY, *Le latin d'Espagne d'après les inscriptions*, Bruxelles, 1906, p. 128); na l. 4, *uno* está por *unum*, não se tendo feito a reconstituição por se considerar uma forma 'bárbara' já evoluída (*unum* > *unom* > *uno*). *Infans* = *Infans*, que é a forma corrente no vocabulário epigráfico do Império (*CIL* V², IX, X e XI²), significa criança; *infans* como

cognome (*CIL*, II, 1818 e *CIL*, VI, 28044) significa mudo, tartamudo — claro que não é este o caso desta inscrição; na epigrafia cristã da Hispânia, *infas* (= criança) aparece associado a nomes latinos (cf. J. VIVES, *op. cit.*, n.ºs 140 e 200). A indicação do ano por extenso aparece também numa inscrição peninsular páleo-cristã visigoda de Cangas de Onis (J. VIVES, *op. cit.*, n.º 135); na nossa inscrição deu-se a nasalação da sílaba tónica e a perda da nasalação da segunda sílaba (cf. A. CARNOY, *op. cit.*, p. 170).

Esta inscrição está datada do ano de 662.

MARIA MANUELA ALVES DIAS

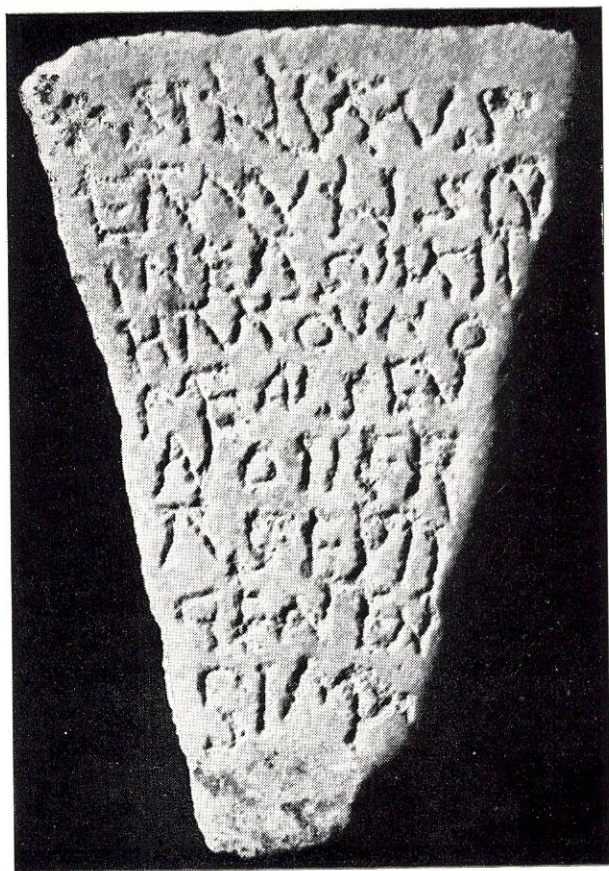


Foto 94

INSCRIÇÃO DE [VIN]CENTIA

Foto 95

Conserva-se no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, um fragmento de inscrição páleo-cristã, sem número de registo nem indicação de proveniência. Talvez seja, porém, de Mértola, já que se guardou juntamente com outro espólio daí proveniente. O material é um calcário cinzento claro, com veios escuros, usado em muitas das inscrições páleo-cristãs do sul de Portugal.

Dimensões: $23,5 \times 19 \times 2$.

[...]CENTIA FAM DI / [...] IT AN XI RICI [...] / [...]CE
D V KAL (*hedera*) [...] / [...] L VII [...]

Altura das letras: l. 1: 2,1, o I e o nexa AM — 1,8; l. 2: 2,2, o C — 2,3; l. 3: 2,2, o L — 3; l. 4: 2,1.

A inscrição era encimada por uma cruz pátea inscrita num círculo de diâmetro calculado em 12 cm, e que devia, como é uso nestes casos, estar no prolongamento do eixo vertical do campo epigráfico.

São visíveis as pautas horizontais de orientação de escrita, nomeadamente na l. 1, embora toda a superfície tenha sido cuidadosamente polida. A escrita e a *ordinatio* foram muito cuidadas, e o aspecto geral da inscrição é de grande regularidade; as letras foram desenhadas em pautas alternadas de 2,2 cm de altura, que

uniformizam as linhas e os espaços interlineares, e só raramente as ultrapassam, como acontece na l. 2 com o C, e na l. 3 com o L ou com a *hedera*.

Leitura:

[*Vin*]centia fam(ula) D(e)i / [*vix*]it an(nos) XI (*undecim*)
ric(ess)i[t] (sic) / [*in pa*]ce d(ie) V (*quinto*) kal(endas) [...] / [...] LVII

As únicas letras em nexo são o AM da l. 1. As abreviaturas são assinaladas de várias formas: ou com traços horizontais no espaço interlinear sobre a palavra abreviada (l. 2), ou por um traço oblíquo cortando a letra (l. 3), ou pela ligação do traço superior de abreviatura à barra superior da letra, como acontece no F (l. 1). Nalguns casos, como parece acontecer na l. 3, com a palavra *kal(endas)*, a abreviatura não é marcada, embora o prolongamento da barra inferior do L seja bem visível e se lhe siga uma *hedera* sob a qual ainda se nota o arranque do traço horizontal da letra que se lhe seguia. Também não está marcado por sinal de abreviatura, na l. 1, o *e* de *Dei*, a menos que se tome o sinal oblíquo entre as palavras *fam(ula)* e *D(e)i* como um sinal de abreviatura, embora a sua colocação sugira antes um ponto de separação de palavras.

O nome proposto, *Vincentia*, é já conhecido em Mértola na sua forma masculina (cf. *FE* 38, com mais referências a esta forma onomástica na Hispânia).

É de assinalar a forma *ricessit* (= *recessit*); *i pro e* é uma alteração gráfico-morfológica conhecida no latim da epigrafia páleo-cristã da Península Ibérica (cf. *IHC*, p. 154), se bem que, até agora, desconhecida nesta forma verbal.

MARIA MANUELA ALVES DIAS

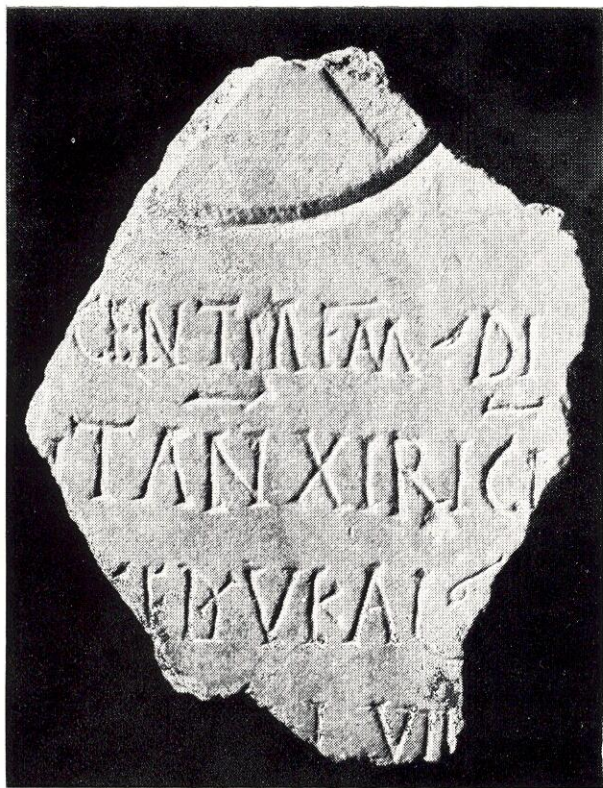


FOTO 95

A INSCRIÇÃO DE SABAS[TIANV]S

Foto 96

Encontra-se guardado no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, em Lisboa, o fragmento de uma placa tumular páleo-cristã, de calcário cinzento com veios pretos, polida, e cuja origem exacta se desconhece, embora, tal como acontece com o fragmento do epitáfio de *Vincentia*, tenha estado junta com material proveniente de Mértola, donde o poder admitir-se que daí seja originária.

Dimensões: 13,8 × 14,5 × 2.

SABAS [...] / S FAMV [...] / [...]

Altura das letras: 3,5/4,5.

Não se notam linhas de orientação de escrita; a gravação dos caracteres é fina e o seu desenho levemente amaneirado; os AA apresentam a barra em v.

Leitura:

Sabas[tianu]s famu[lus] / [...]

Sabastianus e *Sebastianus* são conhecidos na epigrafia páleo-cristã da Hispânia apenas enquanto nome do mártir (cf. *IHC*, n. 57, 90, 221, e J. VIVES, *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*, Barcelona, 1969, n. 325, 328), sendo, de um modo geral, relativamente raros, como forma de onomástica pessoal, em todo o Império.

MARIA MANUELA ALVES DIAS

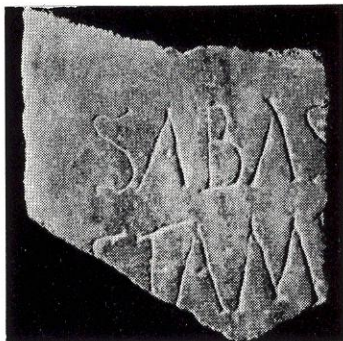


Foto 96

FRAGMENTO DE UMA INSCRIÇÃO FUNERÁRIA PÁLEO-CRISTÃ DE MÉRTOLA

Foto 97

Proveniente de escavações no Rossio do Carmo, encontra-se guardado, nas instalações do campo Arqueológico de Mértola, o pequeno fragmento de uma placa de mármore cinzento claro, de grão fino, polida de ambos os lados e com algumas letras gravadas que indiciam tratar-se do que resta de uma inscrição funerária páleo-cristã.

Dimensões: $9,5 \times 13 \times 2$.

[...] / [...] FAMV[...] / [...]NN (*hedera*) X[...] / [...]

Altura das letras: 3,6. Espaços: 1,1.

São visíveis as linhas de orientação de escrita; a gravação das letras procurou o efeito do talhe em bisel, embora se notem, especialmente no traçado do X, os diversos percursos que deram origem à abertura dos caracteres.

Interpretação:

[...] *famu*[*lus* vel *la*] [...] / [...] [*a*]*nn(os)* X[...]

É de referir o sinal de separação, em forma de folha de hera, a que falta, aparentemente, o pecíolo que é tão comum

na epigrafia romana mas que, embora já tenha aparecido em Mértola — na inscrição funerária de *Possidonius*, cf. «Ficheiro Epigráfico», 36 — não pode ser considerado vulgar na epigrafia páleo-cristã.

MARIA MANUELA ALVES DIAS
CLÁUDIO TORRES



Foto 97